

# Plano urbanístico violado

Professor da UnB diz que barracas ao lado do Carrefour são irregulares. Administração contesta

RICARDO MARQUES

**O**s camelôs que trabalham no canteiro central da avenida ao lado do Carrefour Sul estão agredindo o plano urbanístico da cidade com estruturas de ferro e calçadas no lugar da grama. A observação é do professor Antônio Carlos Carpintero, do Departamento de Teoria e História da Arquitetura e Urbanismo da UnB.

"Não é ilegal, mas agride o plano urbanístico da cidade", explica Carpintero. Segundo ele, a irregularidade é semelhante à que ocorre na Torre de TV, onde as barracas são praticamente permanentes e alteram a proposta arquitetônica do lugar.

Do ponto de vista fiscal, não há irregularidades, aparentemente, pois os comerciantes pagam taxas à Administração Regional e à Receita Federal. Mas há uma controvérsia relacionada ao uso do espaço, originalmente destinado a artesãos e hoje ocupado quase que exclusivamente por pessoas que vendem produtos industrializados, como mesas, camas, bancos para carros e churrasqueiras, além de animais de estimação.

O artesão Hélio de Carvalho, que trabalha no local há seis anos, afirma que o espaço estava abandonado quando os comerciantes chegaram. "Só tinha lixo e mato aqui. Nós cuidamos, investimos e não

prejudicamos ninguém", destaca. Ele afirma que a estrutura utilizada para cobrir as mercadorias podem ser facilmente removidas.

A Administração Regional do Guará, responsável pela área, autoriza o funcionamento do comércio sob o argumento de que a instalação dos camelôs não apresenta irregularidade urbanística. A justificativa é que o Plano Diretor Local da cidade ainda está sendo implementado pela Secretaria de Habitação. De acordo com a assessoria de comunicação da administração, há um projeto de lei propondo que o local seja transformado em feira de artesanato.

O presidente da Associação dos Camelôs do Carrefour Sul, José Bezerra de Carvalho, afirma que os 60 comerciantes e artesãos recolhem R\$ 56 para a administração e pagam taxa que varia de R\$ 16 a R\$ 25 à Receita Federal. "Eles levam toda a mercadoria de quem não paga a taxa", diz.

Apesar de a área haver sido originalmente reservada a produtos artesanais, Bezerra afirma que cada comerciante tem autorização para vender um tipo de produto diferente.

A venda desses produtos é bem vista pelos artesãos. "Não me incomodo com eles. Pelo contrário, atraem os clientes", diz o comerciante Raimundo Lindolfo.



Estruturas de ferro e substituição da grama por cimento no canteiro desfiguram avenida